



A VIOLÊNCIA DO TRAUMA E SEU SUJEITO*

Referência:

VIEIRA, M. A. . Algumas A violência do trauma e seu sujeito. In: Machado, O. e Derezensky, E. (orgs.) *A violência: sintoma social da época*, Belo Horizonte, Scriptum/EBP, 2013, pp. 73-90.

[Capa e índice](#)

Mata-se uma criança (...). Não sou eu que mata o infante que em primeiro lugar fui, quando ainda não era, sendo somente nos sonhos, desejos e no imaginário de alguns (...). É um impessoal inativo e irresponsável que deve responder por isso. O mesmo quanto à criança, sempre indeterminada e sem relação com quem quer que seja (...). Uma criança já morta morre de uma morte assassina, criança de quem nada sabemos mesmo se a qualificamos de maravilhosa, aterrorizante, tirânica ou indestrutível.¹

Uma análise é uma investigação muito especial de si. Ela assume que as ocorrências da vida contam relativamente menos do que o modo como foram vividas. Apostar, assim, em uma causa subjetiva para o sintoma faz o interesse migrar do acontecido para o imaginado. Ganha lugar de destaque o que antes era quase nada: o fantasiado, o vivido por tabela, por ouvir dizer ou ainda por descuido.

No entanto, libertos da âncora dos fatos, até onde ir? Afinal, boa parte de nossos gostos e fantasias nos precedem. São constituídos antes mesmo de sermos alguém, como a receita do bolo da avó que nos embriaga ou a melancolia de um pai a nos assombrar. Nesse emaranhado de ideias e desejos, Freud ensina a reconhecer o marco zero, o limite a partir do qual estamos em nossa vida e não na dos outros. *Trauma* será, para ele, o nome desse instante em que se assinala a certeza de um antes e de um depois.

Invariavelmente ele se apresenta em figurações de uma perda que deixa marcas. É que a âncora do ser define-se como o que lhe falta. A vida pode começar em fantasias, mas elas já nascem como cenas de uma virada, do momento em que perdemos o éden do gozo e nos tornamos o que somos.

Ao mesmo tempo, como sintetiza Lacan, tanto *a palavra é a morte da Coisa* quanto ela é, como tal, *interditada ao ser falante* - lembrando que, no ponto do trauma, se institui igualmente a Lei. Há um “pode X não pode” escorado na certeza de que tudo saber ou lembrar, assim como tudo ter ou viver, levaria à dissolução de si. Só há vida fora do paraíso, já que só somos após a queda.

Certo, mas na periferia do “si mesmo” não reina a paz. Nessa faixa de Gaza subjetiva, anuncia-se a presença do gozo “como tal” e pululam fragmentos do absoluto: a mãe proibida, uma criança espancada, um riso sem rosto. São cenas do paraíso, pedaços de

* Este texto retoma boa parte do artigo “o trauma subjetivo” VIEIRA, M. A. . *Psico* (PUCRS), v. 39, p. 509-513, 2010) articulando-o ao tema mais geral da violência a partir do trabalho do Colóquio “Figuras Lacanianas da Crueldade: segregação, ódio e gozo”, ocorrido em maio de 2010 no Rio de Janeiro e publicado como Vieira, M. A. e Rêgo Barros, R. *Ódio, segregação e gozo*, Rio de Janeiro, Subversos e ICP/RJ, 2012.

um “fora de mim”, que geram extremas reações. Com relação a eles reina total ambiguidade, pois tanto são tudo o que mais desejo quanto meu maior inimigo. Eles respondem pelas experiências mais intensas de angústia e ódio, mas também de êxtase e amor. Por eles, como canta Arnaldo Antunes, fico *fora de si*.

Apesar de a fundação de si declinar-se, muitas vezes, em saudade e violência, ou ainda em desamparo e angústia, uma análise pode mudar o modo como ela nos afeta. Talvez seja por isso que o analista é convocado a responder quando a civilização encontra o que a Lei não recobre. O que ocorre em uma análise pode servir ao horizonte da cultura? É possível passar dos limites e voltar para contar a história? De que modo? De que maneira o analista pode contribuir com uma reflexão política com relação à violência?

Examinamos, no plano de um estudo coletivo, os modos como ela se declina em ódio, segregação e gozo.² No plano deste texto, proponho interrogar de que modo o trauma, tal como concebido por Lacan como estrutural, incluído no programa de todo sujeito de um discurso, pode ser articulado ao trauma tal como concebido na realidade quotidiana de nossos dias. Se nos colocamos apenas no plano da realidade quotidiana, a que título o psicanalista teria algo a dizer sobre o trauma? Ele não costuma estar junto da equipe de assistência, não presta socorro imediato, ao menos não em sua figura tradicional. Nosso papel está condicionado à premissa de que há em qualquer trauma um “fator subjetivo” ineliminável. É preciso contar que, independentemente do que terá ocorrido, algo singular precisará entrar sempre em ação para que se possa definir um trauma, já que nem todos os expostos à mesma situação serão traumatizados. De fato, se o axioma freudiano é o de que apenas a partir da realidade psíquica uma violência na realidade se inscreve como trauma, como uma se articula com a outra nesse contexto?

Supressão do fator subjetivo

Lacan trata o trauma pelo avesso. Esta é a fórmula proposta por Éric Laurent a partir de J. A. Miller, para sintetizar uma série complexa de articulações entre Freud e Lacan. Tentarei desdobrar uma ou duas delas. Antes, entretanto, é preciso situar a importância e a atualidade desta abordagem pelo “avesso”. Laurent parte dela justamente para destacar o que se tende a deixar de lado quando o assunto é trauma, esta será a primeira indicação que nos norteará.

A violência do evento ofusca a importância do que poderíamos chamar de “fator subjetivo”, que é exatamente o que justifica a presença da psicanálise no campo da assistência aos traumatizados. Neste campo, o sofrimento humano se apresenta como acidente, urgência e desamparo (Laurent, 2007). É impossível negar este fator, todos concordam. Porém admiti-lo não é levá-lo em conta como tal se considerarmos que a própria vítima tem dificuldade neste sentido. É exatamente o fato de o sujeito apresentar-se como esmagado pelo evento que parece carimbá-lo como traumático. Como fazer este fator subjetivo entrar na narrativa de uma história, como contar o que aconteceu destruindo-nos como sujeitos? Ou ainda, como recuperar esta parte sujeito em meio a tamanho horror se isso significa assumir que lá estávamos participando dele de certa forma?

Compreende-se a tendência a eliminar o sujeito da cena traumática. Tanto do lado da vítima como daquele que a socorre, é comum considerar o sujeito ausente na cena, como se fosse possível esgotar apenas no acontecimento a causa do trauma. Evidentemente, em muitas situações, parece ser o melhor e o mais humano a ser feito. Mas, se

considerarmos esta manobra em grande escala, a desresponsabilização generalizada pode agravar a violência ao invés de atenuá-la.

Em nossos dias de fé cega na ciência, a tendência universal é a da abordagem impessoal pelo ciframento muitas vezes pseudo-científico. Busca-se evitar a contaminação com o temperamental e o imprevisível para fechar a cadeia causal, esgotando o evento ao lhe imputar uma rede de explicações que dêem conta do porquê do trauma. Como? Pedindo, por exemplo, ajuda ao ambiente, sempre mais propício à objetivação. Neste caso a diretriz será tentar dosar o *amount of* trauma, a quantidade do elemento “estressor”. Ou ainda, será feito um mapeamento das fragilidades genéticas e/ou sociais, para que se possa centrar no evento e não no sujeito do trauma.

A supressão do fator subjetivo é igualmente possível do lado daquele que sofreu a violência em questão. Serão definidos os comportamentos de traumatizados para, a partir daí, tratar, sem nem mesmo precisar pedir ao sujeito que diga se está traumatizado ou não. Elimina-se da memória do evento seu fator singular e, dessa forma, o próprio tratamento parece ganhar em objetividade. Exposição comportamental dessensibilizante ao evento ou reprodução de comportamentos automáticos vividos em um trauma (os movimentos de olhos) são exemplos dessa objetividade. Em ambos os casos pretende-se desfazer o trauma sem que nada seja pedido ao sujeito sobre o quanto a violência vivida lhe afetou particularmente.

Trauma generalizado

Retornando ao nosso tema. Justamente por ceder à tentação de recusar o fator subjetivo, pode-se aparentemente dar-lhe lugar de honra. A definição do que terá sido a violência traumática se desloca para o “transbordamento das capacidades subjetivas de lidar com o evento”, “o sentimento subjetivo de desamparo” etc. Como não se pode objetivar o indefinido de um sujeito, passa-se a tomar a fala do ego, do indivíduo, como definitiva: tudo o que alguém disser que lhe foi traumático, será. É a saída pragmática.

Apesar das aparências, esta será uma última possibilidade para a supressão da variável subjetiva. Elimina-se o hiato causal do mesmo modo, pois não se construirá um lugar para o subjetivo. Não se investiga sobre o que em um dado evento traumático teria sido, para alguém, o trauma. Apenas pede-se ao indivíduo que amarre “evento” e “trauma”, que diga se está ou não traumatizado e a partir de que acontecimento objetivo isso se deu.

A ironia, constata Laurent, é que da tendência generalizada disto que Lacan chamava de uma “ideologia da supressão sujeito” (Lacan, 2003, p. 436) observa-se a generalização do trauma. No [Google](#) encontramos aproximadamente o mesmo número de entradas para “trauma” quanto para “dor”.³

A situação traumática ganha a cada dia mais descrições a julgar pela [Wikipedia](#) - a enciclopédia de nossos tempos, que veicula um saber sem autor, puramente consensual. Catástrofes artificiais ou naturais, acidentes individuais ou coletivos, agressões em geral, atentados, guerras, abusos sexuais torpes ou comportamentos sexuais os mais ingênuos, tudo pode ser traumático. Chega-se a supor que o próprio agente do trauma pode se traumatizar com sua ação: “Em alguns casos, até mesmo as próprias ações da pessoa, como por exemplo, cometer um estupro, podem ser traumáticas se o agressor se sentir desamparado, sem recursos ([helpless](#)) para controlar a urgência de cometer seus crimes”⁴.

Falcões

Aceitar o subjetivo em tese, portanto, para suprimi-lo (como variável) na prática leva à generalização do trauma. Talvez seja difícil entender a radicalidade dessa supressão do sujeito como variável e o quanto ela é perigosa. Para isso usaremos um exemplo mais próximo e menos aparentemente científico relatado no documentário, *Falcões, meninos do tráfico*, produzido por MV Bill e Celso Athayde.

Exibido no domingo à noite, no momento da audiência maior das famílias, o documentário - constituído de entrevistas com crianças que, desde muito cedo estão inteiramente envolvidas no tráfico - trouxe uma novidade ao olhar da classe média.

Ao percorrer os retratos vivos e especialmente fortes desses meninos tomados pela violência e pelas drogas, temos a certeza de que algo foi desvelado e que nunca mais se poderá lidar com a situação como antes.

Diante da exibição dessa crua realidade somos levados a esquecer a variável subjetiva. Com efeito, ficamos inebriados pelo que parece real no documentário sob a forma de crianças inteiramente sem perspectiva, impregnados de cola ou *crack*, sem passado nem futuro, etc. Contra essa leitura, temos que sustentar: aquilo que vemos não é o real em si. Isso não significa de modo algum anestesiar nossas consciências nos refugiando no chavão “há exagero”. Não. Seria um grosseiro desrespeito ao trabalho fundamental deste documentário. Porém, é necessário manter um mínimo de ficção em *Falcões* para preservar o que há de humanidade no que vemos. É preciso imaginar estes meninos de alguma forma “fazendo cena”, querendo impressionar, fantasiando o que vão transmitir à câmera com relação ao que acham que é um grande personagem.

Este é, inclusive, o objetivo declarado dos realizadores: dar uma imagem humana a estes meninos que são vistos comumente como o horror em si. É mostrar ao Brasil que há um “outro Brasil” e que esses meninos não são apenas morte e violência, mesmo se acordam e deitam com elas⁵. MV Bill e Celso Athayde estão no extremo oposto da idéia de um zoológico do real em que se atrelou a violência a seu executante sem que se coloque entre um e outro nenhum fator subjetivo. Afinal, é exatamente a recusa desse “fator” que sustenta os partidários da pena de morte. De acordo, não podemos nos perder em explicações, mas não podemos apagar este hiato sob pena de apagar nossa própria humanidade.

Todo documentarista sabe que não será possível mostrar o real tal e qual, sem edição, pois a própria humanidade deles é uma edição, um modo de olhar. Eles buscam apenas uma imagem “sem cortes ou edições espetaculares” (Soares, Bill e Athayde, 2005, p. 9). Sabem o quanto será inevitável que estes meninos se ponham em cena e não se preocupam com isso em demasia. Ao contrário, desde que se mantenha aquele “quê” de verdade essencial, isso é até desejado. Por isso MV Bill se permite esta beleza de comentário que resume o que acabo de afirmar: “nunca acreditei em tudo o que eles diziam, nem nas verdades”⁶.

Violência, desamparo e trauma

Durante dois anos, com sua teoria de sedução, Freud acreditou que o acontecimento objetivo era responsável pelo trauma. Como destaca Laurent, porém, o abandono dessa teoria não é o abandono da noção de trauma, mas antes o contrário.

Encontramos, no que recolhemos dos adultos narrando a criança que foram, cenas de vida e morte. Lacan generaliza esta presença da morte no infantil =, com seu aforismo “a palavra é a morte da Coisa”. Coloca, portanto, no horizonte estrutural, aquilo que Freud generalizava timidamente. Há em nós, sempre uma criança morta, pois algo se mortifica com o trauma da entrada na linguagem. No entanto, Freud não fala em criança morta, mas sim em criança espancada.⁷ Com essa cena, Freud delimita a mortificação da linguagem sobre o vivente como ação contínua que marca mais que mata. Uma criança sendo espancada dramatiza o efeito contínuo da linguagem no ser falante, que, nas palavras de Lacan, não é “pura ação do significado, mas paixão pura do significante”.⁸ Ora, uma criança morta leva consigo seu segredo, enquanto que a criança marcada pode, disso, testemunhar. O texto chave aqui é “Inibição, Sintoma e Angústia”. Freud vai retomar a entrada na linguagem afastando as metáforas de morte e violência. Ele vai fazê-lo promovendo o tema do perigo. O texto inteiro é centrado no perigo. A tese maior poderia ser enunciada da seguinte maneira: pode ser horrível a violência do trauma, mas pior é não ter nem um Outro de quem apanhar.⁹

É preciso inverter nossos hábitos mentais. Estamos acostumados a pensar que o perigo é a castração no sentido de perder alguma coisa. Não. O esquema de Freud, caso sigamos a leitura de Lacan, é bem mais sutil.

Freud vai da situação concreta de nossas vidas, o medo de perder, a mãe por exemplo, ou a tristeza pela mãe perdida, para a situação prévia à entrada da mãe em cena. Neste instante prévio, a criança é incapaz de filtrar e orienta-se no excesso de estímulos que recebe do mundo. O desamparo freudiano não é feito de falta, mas de excesso. A mãe vem intermediar o contato com o mundo, permitindo que apenas alguns estímulos sejam acessíveis, tornando assim possível a ação específica que gera descarga e reduz a tensão. Como só através da mãe a criança pode fazê-lo, o perigo passa então a ser o da perda da mãe.¹⁰

Como Lacan retoma isso? O perigo desesperador é ficar sem alguém para nos permitir suprir as necessidades básicas e, ao mesmo tempo, nos ensinar como fazer. É o perigo do Real como afluxo incontrolável de estímulos e por deslocamento o perigo de perder aquela que permite o escoadouro eficaz desse acúmulo. Então, pior do que apanhar, pior do que aceitar os cuidados dessa mãe, que vai necessariamente afastar a criança do real, é não haver mãe e a criança ficar imersa no Real.

Esta é a profunda ambiguidade do desejo humano. Por um lado, o que eu perdi é tudo o que eu quero buscar; por outro, preciso perder para não ficar no desamparo. A descarga específica gerada pela mãe é uma perda, que chamamos castração, mas sem ela não haveria desejo. Portanto, perder a mãe é perder tudo. A profunda ambiguidade do desejo é a profunda ambiguidade daquilo que Lacan chamou de gozo. Gozo é exatamente tudo o que eu quero quanto é tudo o que eu menos quero.

A mãe é o nome da falta, pois é ela que nos permite viver não todo o real, mas apenas uma parte. Ela é o nome da perda, mas da boa perda. Por isso a angústia é a perda desta perda, ou nos termos de Lacan, a falta da falta. Desta forma, Lacan entenderá que Freud superpõe à violência do excesso primordial de estímulos o desamparo. Para não estar no desamparo da violência original, passaremos a viver no desamparo da perda.¹¹

**Desamparo = Perda
Violência**

A espera da surpresa

Podemos agora examinar o modo como Laurent propõe uma abordagem lacaniana do trauma “pelo avesso”. O trauma pelo avesso é a aposta no fator subjetivo como elemento chave no processo, que, já entendemos, não está escrito no evento, aparecendo, sobretudo como enigma, hiato, ruptura que perturba as explicações e sentidos coletivos e universais e que terá, a duras penas, de ser construído.

É o que assinala Lacan nesta passagem partindo não do trauma, mas da experiência cotidiana da sessão analítica: “O que se espera da sessão é a surpresa [...] [e] o que temos de surpreender é algo cuja incidência original foi marcada como trauma.” (Lacan, 2003, p. 352). Algo surpreendente *em si* não existe. Muita coisa acontece na vida, mas o que dela surpreende é o que me toca como sujeito. Por isso a subversão de Lacan: buscamos surpreender o real e não sermos surpreendidos por ele.

Considerado de um distinto ponto de vista, o real pode vir a se inscrever de outro modo. Em vez de pura dispersão, um achado; em vez de pura angústia, a experiência de algo que se articula – de forma paradoxal, é verdade –, e que se integra no vivido. É o que faz Freud ao nomeá-lo *trauma*. A partir do dispositivo analítico, ele passa a poder encontrar um lugar no relato. Nos termos de Lacan: “Numa frase pronunciada alguma coisa se estatela [...]. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, apresenta-se como um *achado*.” (Lacan, 1988, p. 30 – grifos do original). A manobra freudiana, então, inclui a passagem da experiência ao relato dela. Como afirma Lacan¹², “a estrutura do relato [...] é o que define o campo da interpretação analítica.” (Lacan, 2003, p. 355)

E mais: há algo nessa estrutura que define a possibilidade de que o real seja, para alguém, traumático. Lacan o afirma com relação ao sono, mas podemos traduzir, aqui, por real: “a estrutura do relato não sucumbe ao real.” (Cf. nota 4). Não é sua ruptura, sua destruição pelo real, mas o lugar que ela dá ao real como destruição, que uma vez subvertido, fará o trauma.

Ao analista caberá a tentativa de salvaguardar um lugar para o sujeito, que poderá comparecer assim que for possível acrescentar, neste espaço de ruptura, alguns elementos imponderáveis, mas decisivos. Penso no caso de Dona Dora, senhora vigorosa, verdadeira referência na comunidade, que apóia a todos, diante das mais inacreditáveis mazelas e violências, perde todas suas forças sem que se possa imaginar a razão. Seu marido abandonou-a, seus filhos, ela os perdeu na guerra do tráfico, mas verifica-se que a morte de sua gata, que teve o pescoço quebrado, possivelmente por um vizinho, quebra-lhe a espinha dorsal da existência, pois parece-lhe a mais “pura violência”¹³.

A operação analítica¹⁴, segundo Lacan, é aquilo que torna possível que “o trauma se implique no sintoma” (Lacan, 1998, p. 853). *Implicar* aqui deve ser entendido como “ser incluído”, “poder se deduzir de”. *Sintoma*, por outro lado, não pode ser tomado como a expressão de um sentido prévio, nem como a de um funcionamento a ser erradicado. O trabalho desenvolvido por J. A. Miller em seu seminário *A orientação lacaniana* é aqui essencial. O trauma deve ser tomado – veremos a seguir, a partir de dois fragmentos de caso – como o nome, no relato de uma vida, daquilo que o impede de fechar-se por insistir em atrapalhar. Trata-se, enfim, de um nome do sujeito ou mais claramente, o nome daquilo que em alguém fala de um gozo inominável.¹⁵

No limite do sentido

Finalmente, quanto ao tratamento do trauma, Laurent distingue, a partir do trabalho de leitura de Lacan realizado por J. A. Miller, dois caminhos. O primeiro é mais fácil de entender. Passa por integrar a vivência do trauma no mundo, dar ao trauma subjetivo um lugar. É preciso acolher a morte do gato sem dizer que isso não é nada, que há coisa muito mais séria. Isto para que, a seguir, dona Dora possa encontrar um sentido para ela. Talvez uma bebedeira no vizinho, que até ontem lhe pedia conselhos, talvez outra coisa. Isso resgata um lugar para o sujeito, afastando-nos das psicoterapias autoritárias e mesmo da servidão absoluta à medicação (apesar de não contradizê-la). Mas é preciso entender seus limites. Há situações em que tudo está tão fragmentado que não há exatamente um relato para nele buscar o traço do subjetivo. Ou então que o evento é tamanho em violência que é impossível constituir uma narrativa dele sem se desintegrar como indivíduo. Desta forma, a crença no sentido, em um sujeito como essência prévia, pode atrapalhar o trabalho.

Um exemplo extremo. Um câncer terminal faz com que um paciente destinado à morte procure um analista. A demanda¹⁶ era “levar as últimas conseqüências a busca de uma razão de ordem emocional que pudesse ter contribuído para a doença” (Lambert e Duba, 2004a, pp. 118-121; 127-132).

Uma vida é imaginada como narrativa encadeada e contínua que dá sentido à existência. Mesmo em situações dramáticas que põem em risco nossa unidade corporal, podemos supor uma continuidade natural entre as lembranças. Esse sujeito, porém, perdeu a possibilidade de futuro e, com isso, o sentimento de unidade que o sustentava. Sua frase anuncia uma vã tentativa de solucionar a ruptura da linha da vida recompondo-a pelo sentido, algo como “se eu fiz este câncer, como vocês dizem, posso do mesmo modo desfazê-lo”. O trágico do exemplo nos ensina que apelar para um sujeito prévio é, muitas vezes, um recurso evidentemente infrutífero.

A busca desesperada pelo encontro com este saber prévio, claramente de cunho místico, impede que o fator subjetivo se inscreva no relato, pois ele já terá uma forma prevista, não mais científica, mas particular. Neste sentido, tanto a vida em outras esferas quanto a existência de um animal no homem, diabinho, são sentidos prévio que lhe darão talvez uma identidade recomposta na eternidade, mas em nada servirão para tornar o relato que este sujeito tenta construir aberto, capaz de recriar um novo destino para ele no tempo que lhe resta.

Montagem e invenção

Não há sujeito prévio para Lacan. A pulsão é uma montagem. Assim ele retoma as indicações de Freud. O sujeito é fruto de uma montagem contingente e não de uma série de acontecimentos na infância. É algo que emerge de uma história permanentemente construída e não de uma eterna atualização dos encontros infantis entre um diabinho pulsional e as repressões da cultura.

Laurent propõe, desta forma, uma montagem com os traços do evento, que eventualmente faça sentido, mas sem que o sentido seja o objetivo do trabalho. Algo como uma colagem.¹⁷

Outro exemplo extremo mostra como às vezes é isso o que se pode propor. Alguém que perde toda a família em um acidente de carro em que ele estava no volante. Ele não é capaz de se lembrar do que houve e estranha as cicatrizes em seu corpo, apesar das

várias tentativas por parte dos médicos de “estabelecer laços simbólicos com o acidente”.

Satisfazer-se em tomar esta amnésia apenas como índice de uma lesão no córtex é impedir qualquer possibilidade de subjetivação e decretar o exílio deste sujeito de toda uma parte de sua história e de si mesmo. Exigir, por outro lado, que ele “assuma” o sentido do que ocorreu, lembrando-se do acidente, é desumano. Afinal, qual o sentido de um acidente desses?

Deslocar o sentido para uma “culpa inconsciente” não resolve as coisas. Afinal, em quê, assumindo que o esquecimento teria como sentido uma culpa inconsciente, este homem poderia melhor encarar as coisas? Como “assumir” a loucura de mortes como essas? Ora, se ele continua em vida é justamente por se entregar a uma espécie de automatismo corporal, amputado de si, cego e sem memória. Só que, nesse quase autômato em que tornou seu cotidiano, algumas cicatrizes podem ser balizas, por se apresentarem como estranhos elementos que carregam um enigma intrínseco. É com elas que se deve construir, artesanalmente, como for possível, sem supor que há um estado prévio ideal a se alcançar, um laço com a vida (e não necessariamente com o acidente).

Algo como, por exemplo, conseguir, a partir destas marcas, inventar uma história, qualquer que seja, mesmo que uma ocorrência fantasiada, em que ninguém morreu, enfim, alguma ficção que possa sustentar um sujeito, pois não se vive sem histórias para contar. Talvez algum dia essas ficções *ad hoc* ancoradas no real de suas marcas, permitam-lhe nelas reinserir sua família. Talvez sim, talvez não, o essencial é que na montagem obtida haja espaço aberto à invenção. Para isso é vital suportar que o sujeito esteja apenas nessas marcas e que elas, como em todos nós, ditem o destino que se será dado, em nossa história, ao real do destino.

Referências bibliográficas

Lacan, J. (1998). *Escritos*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (2003). *Outros Escritos*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lambert, A. & Duba, C. (Orgs) (2004a). *XV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano*, brochura de trabalhos. Rio de Janeiro: EBP-Rio.

Lambert, A. & Duba, C. (Orgs) (2004b). *XV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano*, documento preparatório. Rio de Janeiro: EBP-Rio, inédito.

Laurent, E. Le trauma à l'envers.

<http://www.wapol.org/es/psicoytera/Template.asp?intTipoPagina=2&intEdicion=2&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=140&intIdiomaArticulo=5&intIdiomaNavegacion=1> (acesso em 02 de junho de 2007).

Miller, J. A. (2000). Teoria do parceiro. In: Ribeiro, V. & Monteiro, E. (Orgs). *Os circuitos do desejo* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Soares, L. E., Bill, MV, Athayde, C. (2005). *Cabeça de porco* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Objetiva.

¹ Blanchot, M. *L'écriture du desastre*, Paris, Gallimard, 1980, p. 116 (tradução nossa).

² Cf. Vieira, M. A. e Rêgo Barros, *op. cit.*

³ www.google.com.br, 111.000.000 para "trauma" e 112.000.000 para "pain" acesso em 12/12/2012.

⁴ Extraído do verbete *trauma psicológico* da *Wikipedia* (http://en.wikipedia.org/wiki/Psychological_trauma, acesso em 12/12/2012).

⁵ "Nosso objetivo foi mostrar, sem cortes ou edições espetaculares, o lado humano destes jovens" (Soares, Bill e Athayde, 2005, p. 9).

⁶ "Forte não parava de falar, parecia estar arrependido de ter mentido antes para mim, parecia que queria se redimir por ter me induzido a crer que ele era um cara mais sinistro do que o próprio Bin Laden. Mas nem precisava, eu nunca acreditei em tudo o que eles diziam, nem nas verdades" (Soares et al., 2005, p. 213).

⁷ Quem morre para Freud é o pai, mas mesmo ele continua voltando, como fantasma aterrorizante nos sonhos de seus filhos culpados.

⁸ Lacan, J. [1958] "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 636.

⁹ Os seguintes parágrafos são essenciais: Mas a reflexão nos leva além dessa questão da perda de objeto. A razão por que a criança de colo deseja perceber a presença de sua mãe é somente porque ela já sabe por experiência que esta satisfaz todas as suas necessidades sem delongas. A situação, portanto, que ela considera como um 'perigo' e contra a qual deseja ser protegida é a de não satisfação, de uma crescente tensão devida à necessidade, contra a qual ela é inerte. *Penso que se adotarmos esse ponto de vista todos os fatos se enquadrarão nos seus lugares*. A situação de não satisfação na qual as quantidades de estímulo se elevam a um grau desagradável sem que lhes seja possível ser dominadas psiquicamente ou descarregadas deve, para a criança, ser análoga à experiência de nascer — deve ser uma repetição da situação de perigo (...). O que ambas as situações têm em comum é a perturbação econômica provocada por um acúmulo de quantidades de estímulos que precisam ser eliminadas (...). Quando a criança houver descoberto pela experiência que um objeto externo perceptível pode pôr termo à situação perigosa que lembra o nascimento, o conteúdo do perigo que ela teme é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação, a saber, a perda de objeto (...). É a ausência da mãe que agora constitui o perigo (...)" (Freud, S. [1926]. "Inibição sintoma e angústia", *ESB*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 160).

¹⁰ Para uma demonstração desses desenvolvimentos mais extensa cf. Vieira M. A. *Paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2012.

¹¹ A partir daí Freud escalona o perigo. A perda da mãe será o grande perigo, porque joga a criança no perigo maior que é o perigo de não ter como se virar. Se Freud fala na perda da mãe como perigo maior é porque o perigo do desamparo não tem vivência psicológica, pois é pré-subjetivo. Mas fica evidente que ele é o segundo perigo, inclusive porque haverá um terceiro e um quarto, dependendo do ponto em que se encontra o sujeito.

Assim o perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo do seu superego, até o período de latência. (...) *Ibid.*, p. 166.

¹² "Se nada do que se articula no sono é aceito na análise senão por seu relato, isso não equivale a supor que a estrutura do relato não sucumbe ao sono? Isso define o campo da interpretação analítica." (Lacan, 2003, p. 355)

¹³ Muito do que aqui é proposto seria impossível sem as discussões e contribuições do projeto Digai-Maré, Centro de atendimento criado em parceria ao Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) a Escola Brasileira da Psicanálise (EBP), o Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro (ICP-RJ). Para maiores detalhes sobre o projeto Digai-Maré, cf.

http://www.ebprio.com.br/centros_atendimento_digai.htm.

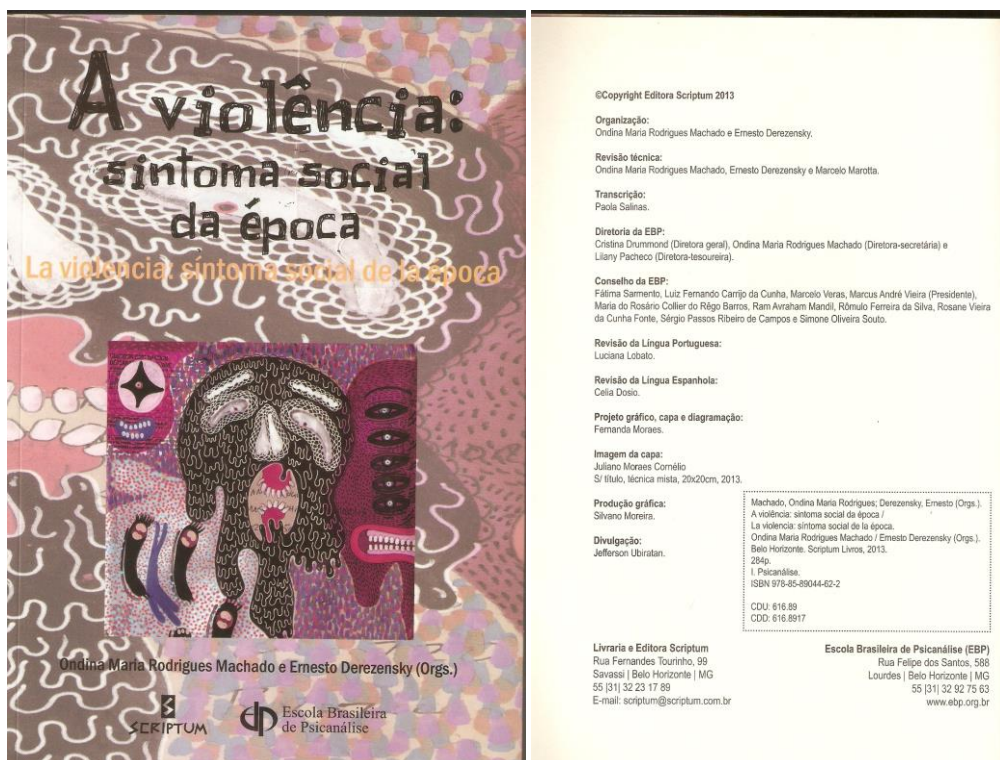
¹⁴ "O *Nachträglich* [é aquilo] [...] segundo o qual o trauma se implica no sintoma." (Lacan, 1998, p. 853)

¹⁵ Cf., por exemplo, Miller, 2000.

¹⁶ Ambos os fragmentos de caso a seguir foram apresentados no XIV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano (cf. Lambert e Duba, 2004a, pp. 118-121; 127-132).

¹⁷ "É o que ocorre no fragmento de caso acima: na sessão de análise sua fala desdobra a urgência de uma série de frases que se interrompem sempre na aproximação da morte. O analista nunca encerra a sessão neste ponto levando-o sempre a falar 'um tempo a mais', seu modo de contrapor-se à pergunta angustiada do sujeito 'meu tempo acabou?'. Evidentemente este não foi o único recurso. O essencial talvez tenha sido uma exigência do analista no sentido de que

o silêncio da morte não era nada e ser compreendido, significado etc, e que o silêncio na sessão, com este tempo a mais, deveria ser prenhe de histórias, de que, enfim, o furo pode se deslocar. O fato é que algo se mexeu. Começaram a materializar-se restos, pedaços de situações e lembranças. É pouco, mas algo nos comprova que talvez esta leitura não esteja tão especulativa. Surge um sonho em que o sujeito se vê em um mar de lama. O furo traumático ganhou imagem. O real puro do fim surge agora como invasivo e escatológico. Parece horrível, mas não é, pois o sujeito começa a esboçar uma distinção entre zonas livres e zonas de lama em sua vida. O trabalho analítico se estabelece a seguir com a possibilidade de destacar algumas ilhas neste 'mar de lama' que lhe deram a certeza de que havia ainda vida em meio ao fim e que por isso havia um tempo a mais." (Lambert e Duba, 2004b).



SUMÁRIO

Apresentação 9
 Elisa Alvarenga
Presentación 21
 Elisa Alvarenga

**Psicanálise e violência:
 sobre as manifestações da pulsão de morte 33**
 – Entrevista com Éric Laurent

**Psicoanálisis y violencia:
 sobre las manifestaciones de la pulsión de muerte 47**
 – Entrevista con Éric Laurent

**Doutrina:
 definições e declinações da violência no ensino de Lacan**

La violencia lacaniana 61
 Marcelo Marotta

A violência do trauma e seu sujeito 73
 Marcus André Vieira

Recordar, repetir o elaborar en el conflicto armado 91
 Mario Elkin Ramírez

O sintoma social

Alteridades lacanianas, a violência entre o Outro e o objeto 103
 Marcelo Veras

La violencia: ¡Qué locura! 121
 Carlos Dante García

Violência e feminização do mundo 129
 Ondina Maria Rodrigues Machado

Violencia y consumismo 143
 Sílvia Ons

